

# AUTO DE ENTREGA DO CORPO DE D. SEBASTIÃO

## *Ceuta, 10 dezembro 1578*

ANTÓNIO BREHM

Faculdade de Ciências da Vida, Universidade da Madeira

**A** instâncias do Cardeal-Rei D. Henrique e de D. Filipe II de Espanha efetuaram-se todas as diligências possíveis junto de Muley Hamet para resgatar o corpo de El-Rei D. Sebastião que se encontrava sepultado em casa do alcaide de Alcácer-Quibir desde o dia 5 de agosto de 1578. O Cardeal mandou mesmo fazer uma oferta em dinheiro ao Almançor em pagamento pelo despojo real tendo encarregado deste assunto Frei Roque do Espírito Santo, da ordem dos Trinitários Descalços, homem já muito versado nas coisas de resgates na Berberia. Por seu lado, o Prudente encarregou o seu contacto em Marrocos, André Gaspar, natural da Córsega, de obter as necessárias autorizações de Muley Hamet tendo enviado para o efeito o negociador Dom Pedro Venegas e logo depois o seu Embaixador Francisco de Zúñiga<sup>1</sup>. O uso do corso não era despropositado.

<sup>1</sup> É muito conhecido o texto da instrução dada por Filipe II ao embaixador Francisco de Zúñiga e nele o Prudente escreve: «Partiendo desta villa de Madrid yrá con la más diligencia que pudiere a Gibraltar donde se embarcará y yrá a Alarache, e, llegado a ella, a de yr a Fez, y si conueniere a Marruecos — Marraquech — o donde estuviere el nuevo Rey, dando a entender que va con el seguro que tenía de Muley Maluque, muerto, a entender como avian quedado sus cosas por la mucha amistad pasada. [...] Estando allá procurará saver cómo pasó lo de la batalla y quienes murieron y quiénes están cautivos y dónde los tienen y si piensan enbriar algunos al turco. Sabrá particularmente del embaxador de S. Magd. si murió o está cautivo, y si lo está procurará que le pongan a rescate y avisará acá con diligencia y asi mismo procurará saber del Señor Don Antonio si es muerto o vivo, si és vivo, visitarle de parte de Su Magd., y esto mismo hará en saver del duque de Vergança, que dizen está cautivo y visitarle á de parte de Su Magd. y si estuviere su ayo con él, en particular le dirá que Su Magd. le mandó que le visitase y supiese del lo que quería que hiçiese en su negoçio y procurará entender dónde están Don Luis de Silva y Don Francisco de Portugal [à margem e pela mão de Filipe II juntou, “y Don Duarte de Meneses que se dice quedaron cativos”] y

André Gaspar fazia parte de uma família já há muito estabelecida na Berberia e com contactos e influências políticas importantes junto do Rei Abdelmalek (que morreu na batalha) e do seu irmão e sucessor Muley Hamet, o Almançor. O cadáver acabaria por ser entregue livre e graciosamente por Muley Hamet, desejoso que estaria para ficar nas graças de Filipe II, vizinho poderoso de quem poderia ainda vir a precisar. Apesar de uma confusão inicial que sobreveio a André Gaspar sobre o destino final dos despojos reais, já que levá-los a Castela era uma hipótese, o certo é que o cadáver foi entregue pelo corso a Frei Roque, ao Governador da Praça, D. Dionísio Pereira<sup>2</sup> e a D. Rodrigo de Menezes. D. Sebastião foi primeiramente depositado na Capela de Santiago, no Convento dos Padres Trinitários e pouco depois mudado para a capela-mor da Sé, em Ceuta, onde ficou até 1582, ano em que Filipe I mandou que se trasladasse para o Reino quando era Governador de Ceuta D. Jorge Pessanha. Triste sina a daquela praça que viu D. Sebastião entrar nela a cavalo, vivo e glorioso, a 24 de setembro de 1574 e que acabaria por o ver regressar num ataúde tosco quatro anos depois.

Frei Roque do Espírito Santo, da Ordem da SS. Trindade foi o escolhido pelo Cardeal-Rei, para se

Christobal de Tavera y de todos los más principales y estando en parte que los pueda ver lo hará y los visitará y consolará» (Arquivo Geral de Simancas, Guerra Antigua, Leg. 88, fl. 338 e 339, reproduzido em *Las adelantadas de España* de Enrique Arques, publicado pelo Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Madrid, 1966).

<sup>2</sup> D. Dionísio Pereira foi Governador de Ceuta no período entre 1578-1580. Morreu em Ceuta a 6 de abril de 1581.

deslocar à Berberia com a finalidade de resgatar quer fidalgos cativos, quer muito especialmente o corpo do Rei. Para tal, recebeu uma carta de D. Henrique datada de 3 de setembro, a pedir-lhe que se pusesse em marcha e que em Ceuta esperasse por D. Rodrigo de Meneses que se iria juntar a ele. D. Rodrigo de Meneses havia sido escolhido no Conselho de Estado reunido a 25 de agosto para este propósito. Não foi uma viagem fácil para D. Rodrigo. Vedor da casa da Rainha D. Catarina e Governador da Casa Civil do Rei, havia perdido dois filhos na batalha. No dia seguinte ao da chegada de D. Rodrigo, juntaram-se todos no Mosteiro da Ordem, tendo sido lida uma carta (bastante extensa) com as instruções do Cardeal-Rei, datada de 6 de setembro. Esta carta está integralmente reproduzida por Frei Jerónimo de S. José na sua *História Chronologica*<sup>3</sup>. Em breve, é o Cardeal-rei quem incumbe Rodrigo de Menezes de ir, juntamente com Frei Roque e o Corregedor da Corte Belchior do Amaral, resgatar o corpo do Rei. O Rei diz mesmo a D. Rodrigo que no resgate do corpo de Sebastião deve ir até 20 000 cruzados mas que esta quantia deve-se manter em segredo:

Cumpra tanto a brevidade nesta materia, assim por decencia, como por tudo, [...], chegando se convosco a alguma quantia que vos pareça arrazoada, e para deveres aceitar, sem dardes lugar ao arrependimento dos Mouros, e á mudança que nelles pode causar a variedade com que procedem; e podeis chegar até a quantia de vinte mil cruzados, a qual lemitação tereis em todo o segredo, sem passar de vós a outra pessoa...

O Cardeal pede ainda a D. Rodrigo para fazer diligências em saber onde estão as relíquias que D. Sebastião levou consigo (uma seta de S. Sebastião e um lenho da *vera cruz*, entre outras) mas também o escritório do Rei! E surpreendentemente tem uma palavra para os sinais de reconhecimento do corpo:

Sabereis de Belchior do Amaral que sinaes são os que escreveu o Capitão D. Duarte de Menezes, que elle dei-

xára no corpo de Sua Alteza, para se poder bem conhecer, e vós os tereis no mesmo segredo em que os tem Belchior do Amaral, pela importancia de que he avello visto.

O percurso que os despojos fizeram desde a sepultura provisória em casa do alcaide de Alcácer-Quibir é razoavelmente conhecido e está bem documentado, concordando as fontes sobre os principais factos. A exumação do cadáver teve lugar em dezembro do ano da batalha e ao ato estiveram presentes André Gaspar e alguns fidalgos autorizados pelo Almançor para servirem de testemunhas. Entre estes estavam D. Duarte de Castelbranco, D. Jorge de Meneses, D. Miguel de Noronha, Luís Cesar e Manuel Soares. Belchior do Amaral que havia sido quem o tinha enterrado naquele local dois dias depois da batalha deve ter passado palavra sobre as marcas que havia deixado no corpo (e sepultura) de Sebastião quando o enterrou e que eram apenas do seu conhecimento. Estas marcas serviriam para confirmar que, quando se desse a sua exumação, haveria a certeza absoluta de que o local não tinha sido profanado. São estas marcas a que alude o próprio Cardeal na transcrição que se fez acima.

No cortejo fúnebre que se fez de Alcácer para Ceuta juntou-se ainda o embaixador espanhol D. Juan da Silva que estava igualmente cativo e ferido mas que Hamet decidiu libertar graciosamente. A 11 de dezembro o embaixador Francisco de Zúñiga, enviado que havia sido de Felipe II para supervisionar o resgate do corpo real (e não só), escreve ao Prudente dando-lhe, enfim, conta do que se havia passado:

Parti de Alcaçarquivir ayer hiço ocho dias donde dejé a Don Juan de Silba y a seys caballeros portugueses y dos frayles para acompañar el cuerpo del serenísimo Rey de Portugal y no se aguardaba más de que se enjugasen los campos y abajasen los ríos, porque a causa de las muchas aguas no se podían andar los caminos y fue tanto que entró el rio en Alcaçar y hundió más de cien casas y estuvo a pique de perdernos todos los que estábamos dentro; yo pasé por las sierras de Tituán, que en otros tiempos estaban rebeladas y aora están muy quitas y sogadas; entiendo que entrarán en Ceuta con el cuerpo oy o mañana. Don Juan de Silba biene todavia malo

<sup>3</sup> Fr. Jerónimo de S. José, *Historia Chronologica da Ordem de SS. Trindade*, Lisboa, 1789.

del braço; en Tituán hallé un enbajador del Rey de Argel que yba con gran presente al Rey Muley Hamete, y creo que va más a ver en qué estado están las cosas de berberia que no a otra cosa. El Muley Hamete no a enbiado cosa ninguna de presente al Gran Turco ni la piensa embiar, segund me ha dicho, mas es moro y le basta. Con el cuerpo del serenísimo Rey de Portugal biene un mercader que se llama Andrea Corço, que V. Magd. dio liçençia fuese dende Valençia a Berberia con horden de Muley Hamete para que en nombre de V. Magd. entregue el cuerpo del Rey en Çeuta y lo tome por testimonio y así mismo tray respuesta de la carta que V. Magd. embió con los frayles, bien en morisco este mercadel a ayudado a estes caballeros portugueses para sus libertades con çiento y noventa mil reales por mi causa, por que yo le dije que V. Magd. sería servido de qualquiera placer y ayuda que les hiçiese y tanto lo hiçe por sacalles de Berberia como por lo demás, por que así combiene al servicio de V. Magd. lo qual diré quando vaya; cuando recibió Muley Hamete la carta de V. Magd. ya estaba determinado de enviar el cuerpo del Rey, y a Don Juan de Silba en presentado a V. Magd. y así dijo a los portugueses que por la carta de V. Magd. daba el cuerpo y lo mismo hiçiera si fuera bibo y que por otra cosa ninguna no la diera. Yo hiçe la visita a todos estes caballeros portugueses como se ordenó y todos a lo que mostraron lo tubieron a gran merçed que V. Magd. les haçia, respondiéronme de palabra lo que diré quando vaya. Ansí mismo diré lo que pasé con Muley Hamete y lo que he sentido del que no ay poco que deçir; Berberia queda muy quieta más que nunca ha estado, y Muley Hamete en Marruecos podrá V. Magd. tener en gran serbiçio a las personas que fueron ynstrumento para que muriesen. El Dogali y el Çahaya y el Gorri y el sobrino del Dogali, estos eran andaluçes y el porqué yo lo diré a su tiempo y quién son. En Tituán quedan dos galeotas de turcos, una de deçinuebe bancos y otra de quinze y no ay aora más, digo de turcos que de moros ay muchas fragatas; e querido avisar a V. Magd. desto, atento que yo voy malo de una pierna y no sé quando podré llegar. Yo vine y me adelanté a Gibraltar con determinación de que, si estuvieran aquí las galeras, pedir a Don Albaro pasara con los más caballeros que aquí hubiera acompañar el cuerpo del Rey quando entrara en Çeuta y llevar de aquí al corregidor y regidores

con lutos y con hachas; y como las galeras no están aquí e çesado, aunque el corregidor estaba determinado de pasar él con los demás desta çibdad en barcas; el tiempo no ha dado lugar por ser calmas y aber los nabios que e dicho en Tituán. De Gibraltar y diciembre a 11 de 1578 años. C. R. Magd. de vra. magd. criado y vasallo que sus reales pies besa. — Francisco de Çuñiga [assina].<sup>4</sup>

São conhecidas transcrições do auto de entrega em Ceuta do corpo do Rei, mas o manuscrito propriamente dito tem sido muito pouco divulgado. Existe uma sua cópia datada de 1966<sup>5</sup> e que se publica nesta nota. O original encontra-se no Arquivo Geral de Simancas, *Secção Estado*, Leg. 396, s. f. Transcrições várias foram sendo feitas ao longo dos tempos, umas a partir de outras. Dos autores coevos, a mais antiga reprodução completa do auto é de António de San Roman (1603)<sup>6</sup> que se baseou, segundo o próprio, em Jeronimo de Franchi Conestaggio (1592)<sup>7</sup> e noutros documentos verdadeiros. Conestaggio, no entanto, não transcreve o auto, pelo que San Roman deve ter tido acesso a outra fonte. Com muito poucas diferenças entre as transcrições, Juan de Baena (1692)<sup>8</sup> e o Padre Pereira Baião (1737)<sup>9</sup> também publicam o texto completo. Já no século xx apareceram duas transcrições muito incorretas e notoriamente piores que as dos séculos xvii e xviii: uma assinada por Fernando Correia Pina<sup>10</sup> e a outra por Afonso Dornellas<sup>11</sup>. É altamente provável que nenhum destes

<sup>4</sup> Arquivo Geral de Simancas, Guerra Antigua, Leg. 88, fl. 96 (reproduzido em *Las adelantadas de España* de Enrique Arques, publicado pelo Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Madrid, 1966).

<sup>5</sup> Enrique Arques, *Las Adelantadas de España*, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Madrid, 1966, pp 40-56.

<sup>6</sup> Antonio San Roman, *Jornada y muerte del Rey Dom Sebastian de Portugal*, Valladolid, 1603.

<sup>7</sup> Jeronimo de Franchi Conestaggio, *Dell'Unione del regno di Portogallo alla Corona di Castiglia*, Venetia, 1592.

<sup>8</sup> Juan de Baena, *Epitome de la vida, y hechos de Dom Sebastian*, Madrid, 1692.

<sup>9</sup> Pereira Baião, *Portugal cuidadoso, e lastimado com a vida, e perda do Senhor Rey D. Sebastião*, Lisboa Occidental, 1737.

<sup>10</sup> Baseada num fólio existente na secção Cimélios da Biblioteca Pública de Évora com a cota CIII/2-17, a fl. 163 v.º. Este manuscrito encontra-se entre outros manuscritos do século 18 e é uma versão algo truncada e inexacta em relação ao original.

<sup>11</sup> Afonso Dornellas, *Historia e genealogia*, vol. 8, Lisboa, Ed. Casa Portu-

autores alguma vez tivesse visto o documento original como se percebe pelos textos produzidos.

O texto do auto de entrega do corpo do rei D. Sebastião, que se transcreve de seguida, é reproduzido fielmente da fotocópia do original (Figura 1):

Nos Dom Leonis [Dionísio] Pereyra Capitão e guovernador de Cepta, frei Ro/que, e Dom Rodriguo de MeneSes q abaixo firmamos nossos nomes damos ffeé e verdadeyro testemunho q Andre guaspar Corço nos en/tregou o corpo del Rey Dom Sebastião Nosso Senr (q Ds aja) quarta feyra dez dezembro deste preSente anno de mil e quinhentos e se/tenta e outo, a porta desta Cidade ás dez oras da manhã, dizendo as palavras seguintes em adita entrega. Eu Andre Guaspar Corço, Entreguo o Corpo da Majestade del Rey Dom Sebastião Rey q foi de Portugal q(ue) D(eu) s aja, ao muyto Reverendo Padre Frey Roque [do Espírito Santo], E aos Snres Dom Leonis Pereyra Capitaõ y guovernador desta Cidade de Cepta, e á Dom Rodriguo de MeneSes por manda/do del Rey Mulei Hamete, o qual m(e)(h)avia concedido o dito Real Cor/po para q o levaSse em presente [o apresentasse] á Chatolica Majestade [Filipe II de Espanha] com tanta Liberalidade com quanta affirmou per juramento Em sua ley q(ue) fizera o mesmo se o tivera vivo em prisão. E chegando hũa carta da Chatolica majestade, E outra da majestade del Rey de Por/tugal em q lhe pediaõ o quiseSse resguatar pera o levar a Por/tugal me mandou q o não levasse a Castella, como primeyro mavia man/dado, se não q(eu) o trouxeSse a esta fronteira de Cepta E em ella o entregaSse solene mente (Como ao prezente o entreguo) tomã/do por testemunho q o dito Muley Hamete á Concedido e pre/sentado Livre E gracioSa mente Sem nenhum interesse este real Corpo á Majestade del Rey de Portugal, a Intercessão e petição da Majestade Catholica del Rey Dom Filippe o qll depois de ser entregue, se trouxe com muita solenidade ao Mo/esteyro da SanctiSsima Trindade onde hora Está: feita em Cepta a dez de Dezembro de M.C.LXXViii Rubricam: Dom Leonis Pereyra, Dom Rodriguo de MeneSes, Frei Roque do Spiritu Sancto Nos q'abaixo he atras assinamos vyemos acõpanhãdo o dito reall corpo he somos presentes há entrega dele He como testemunhas asinamos no mesmo dia e a mãdo desta [...]

Rubricam: Dom Miguel de N<sup>a</sup> [Noronha], Dom Duarte de CastelBranco, Luis Cesar, Dom Jorge de MeneSes

---

guesa, 1922, pp. 47-49. Dornellas, para além de produzir uma transcrição errada (naturalmente não teve acesso ao documento original), ainda diz que se trata de um códice eventualmente existente na Biblioteca da Ajuda. Segundo ele, esta cópia havia sido redigida por Rodrigo Vicente de Almeida, oficial da biblioteca e falecido em 1902, que a havia transcrito em 18 de dezembro de 1867 a partir de um manuscrito existente naquela biblioteca.

